

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondência dirigida a Anselmo de Souza.

Segunda-feira 15 de novembro de 1897

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	50 »
Annuncios preço convencional	

SUMMARIO

Grande concurso nacional de tiro — Concurso nacional de tiro, por B. DE SÁ — Concurso official de tiro — Emilio Kesseling — Carreira de tiro — Chronica estrangeira — Suissa — Relatorio, por CHAVANNE — Antonio de Padua Ferreira Muaze, por B. DE SÁ — O defezo e a Associação dos Caçadores Portuguezes, por PAULO CASCELLA — Covarde como uma lebre, por NEMO — Gallinholas, por B. DE SÁ — Cartas — Musa Alegre — Uma anecdota de caça, por ALBO — José Bento Pessoa, por F. — Porto, 11 de novembro de 1897, por PEDAL CHICO — Centenario da India — Vêlas furadas do capitão Vassallo — Cuba Taurina — Revista quinzenal — Philatelia, por J. FRAGA PEREY DE LISBE — Dr. Henrique Anachoreta — Gyanasio Club Figueirense — Um cão denunciante e comprometedor, por B. DE SÁ — A memoria dos animaes — O bravo « Dimitri » — Meio de fazer seccar o calçado — Os lobos na Russia — Cazos — Erratas — Expediente.

GRAVURAS

Em maus lençoes — Antonio de Padua Ferreira Muaze — Tourada em Lourenço Marques — Chalupa de recreio « Orion ».

TIRO

Grande concurso nacional de tiro

Lisboa 1898

COMO não podia deixar de ser, entrou n'um periodo de actividade a *Commissão executiva do concurso nacional de tiro*.

A convite do seu digno presidente, reuniu esta commissão, no dia 8 ás 8 horas e meia da noite, na séde da Sociedade de Geographia, estando presentes os srs. tenente coronel Souza Machado, presidente; João Consiglieri Pedrozo, 1.º secretario; Eduardo Noronha, 2.º secretario; Palermo de Faria, delegado da commissão executiva do Centenario, e os vogaes os srs.: capitão Alberto José Vergueiro, director da carreira de tiro em Pedrouços; Manuel José de Magalhães; João José Diniz; José Antonio Nunes e Anselmo de Souza.

Sendo o motivo especial da reunião a reforma do programma, resolveu-se reunir para esse fim, a commissão especial composta dos srs.: major Fernandes Costa, presidente; Alberto Vergueiro e Anselmo de Souza.

Por proposta do sr. Anselmo de Souza, resolveu-se adquirir os meios indispensaveis, para que nos mezes de dezembro a abril, se façam em todos os mezes uma *poule*, em que se interessem os atiradores, -afim de se prepararem para o concurso; essas *poules* terão tres premios cada uma, um de 10\$000 réis e dois de 5\$000 réis.

Resolveu-se obter meios, por meio de subscrição publica, para um premio com o nome *Premio da cidade de Lisboa*. Para levar a effeito esta resolução nomeou-se uma commissão, composta dos srs.: Manuel José de Magalhães, Eduardo Noronha, José Antonio Nunes e Anselmo de Souza, ficando com a faculdade de aggregar assi os elementos que julgar necesarios.

O sr. presidente, Souza Machado, disse que por sua parte com o sr. capitão Vergueiro, se encarregavam de conseguir um premio em nome do exercito.

Resolveu-se mais, começar já a tratar dos trabalhos preparatorios para a constru-

ção das tribunas e ornamentações d'estas e da carreira, e quaesquer outra instalação necessaria sob a approvação do Ministerio da Guerra, para levar a cabo esta resolução, nomeou-se outra commissão composta dos srs. capitão Alberto Vergueiro, Eduardo Noronha, Gil Dias, João José Diniz e Anselmo de Souza. A esta commissão caberá tambem o encargo, de obter dos poderes publicos e companhias, regalias e commodidades, para os atiradores estrangeiros e das provincias, que venham a Lisboa.

Por nossa parte felicitamo-nos por todas estas resoluções, por isso que, temos fé, que o concurso nacional de tiro em 1898 será de molde a fazer reanimar os antigos brios nacionaes e a honrar a nossa querida Patria.

Temos a mais decedida confiança na boa vontade e actividade de todos os que sobre si tomaram encargos, e nos mais que se lhe aggregarem, para a realisação de tão patriótica festa, que lhes agouramos os mais felizes resultados.

Concurso nacional de tiro

Não se cansa este jornal de continuar na sua santa propaganda em favor do tiro civil, e oxalá que nunca, em quanto elle tiver vida, deixe arrefecer o entusiasmo, com que o viu nascer, por tão útil e tão patriótica instituição.

Deve-se a El-Rei e aos nobres ministros que teem gerido recentemente a pasta da guerra a existencia da carreira de tiro de Pedrouços e, consequentemente, a existencia d'algumas associações de atiradores nacionaes; mas, se não fosse a teimosia, a admiravel persistencia d'este periodico em incutir no animo dos portuguezes a necessidade e o gosto pelo tiro civil, ha que tempo se teria afundado tudo isso no mar mais insondavel?

Não é só o tiro ao alvo um dos mais uteis e mais nobres exercicios; o tiro ao alvo é tambem uma das mais bellas distracções do homem que faz por instruir-se e que procura poder ser util um dia á sua patria.

Longe estamos nós ainda de nos poder-mos chamar um povo d'ati-

radores ou um povo de predilectos pelo tiro nacional; contudo, podemos ufanarnos de termos entre nós um punhado d'atiradores distinctos e apaixonados, que não nos envergonhariam ás vistas estrangeiras, perante aquellos que cultivam e se distinguem no manejo da espingarda.

São os concursos de tiro o mais bello incentivo, o principal estimulo para a criação, frequencia e aperfeiçoamento dos atiradores; é por isso que, com a maior exaltação do meu espirito, com o culto mais fervoroso da minh'alma, eu chamo, tambem, a attenção d'aquelles que tem na sua mão a realisação d'esses concursos, para que os não deixem gorar como se fossem futilidades dignas do maior desprezo.

Com o meu amigo João Andresen, por parte do *Club dos Caçadores do Porto*, tenho a honra de pertencer á grande commissão encarregada de elaborar o programma para o concurso nacional de tiro que deve realisar-se em Lisboa, quando se celebrar festivamente o descobrimento da India; desde já me dou pressa em lembrar



Em maus lençoes

aos meus dignos collegas que, para que mais perfeito se torne esse programma, por elle se deve permitir que no concurso sejam admittidos atiradores de todas as carreiras estabelecidas no paiz, mas consentindo-se-lhes a prova da sua applicação pelo tiro de harmonia com a pratica por elles adquirida n'essas carreiras com as armas e alvos n'ellas adoptadas e segundo as maiores distancias de que teem podido utilizar-se.

Porto, 10 de novembro de 1897.

B. DE SÁ.

Concurso official de tiro

Foi transferido para os meados do proximo mez de dezembro, este concurso; os motivos do adiamento foi a demora necessaria par a cunhagem das medalhas, pagas pela camara municipal de Lisboa, como premio de frequencia á carreira.

Emilio Kesselring

ESTÁ de lucto este nosso particular amigo, membro da colonia Suissa, e distincto atirador civil do *Grupo Suisso*; falleceu-lhe um irmão na Suissa.

D'aqui lhes enviamos as nossas condolencias.

Carreira de tiro

Alvos a 100^m normal, 200^m normal, figura de joelhos, e repetição; 300^m circular e normal. Arma Kropatscheck 8^{mm} m 1886.

Domingo 7 do corrente

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m , normal.....	20	15
> > 200 ^m , > >.....	30	15
> > 200 ^m , repetição.....	270	142
> > 200 ^m , fig. de joelhos....	290	148
> > 300 ^m , normal.....	370	263
	980	583

Frequentaram a carreira 36 atiradores. Matricularam-se de novo os srs. Guilherme de Vasconcelos Abreu, de 55 annos, natural de Coimbra, lente do curso superior de letras; Osman, de 25 annos, allemão, commerciante.

No domingo 31 de outubro, não houve carreira por causa do mau tempo e na segunda feira 1 do corrente, dia santo, não houve carreira por ordem superior.

No meio da sessão de tiro e quando todas as linhas de fogo estavam occupadas, um individuo que parecia ser mendigo, começou a atravessar a carreira pela parte de aquem dos alvos a 100^m! Passou em frente de 3 alvos, tendo a enorme felicidade de não ser attingido por nenhuma bala.

Avalie-se a natural estupefacção dos atiradores e do publico; a corneta tocou logo a cessar fogo, por ordem do sr. director.

Interrogado o imprudente declarou que não sabia o que aquillo era e que não suppunha o perigo que corria.

Já pôde dizer que expoz o corpo ás balas.

Chronica estrangeira

França

LE TIR NATIONAL, n.º 44 de 30 de outubro findo, publica os retratos dos campeões do tiro em França, em 1897.

O campeão de França, arma de guerra, é M. Emile Allain; tem 37 annos, nasceu em Savenay, em 25 de dezembro de 1860. Atira com carabina, arma de guerra e revolver; actualmente dedica-se a ensinar a atirar.

O campeão da juventude, é M. André Stapfer, tem 21 annos; nasceu em Angoulême a 20 de fevereiro de 1876. Destina-se a medico.

Começou a atirar aos 12 annos. Filho de Charles Stapfer, que em 1884 fundou a sociedade de atiradores *La Brestoise*, de que hoje é o distincto presidente.

O campeão do revolver, é M. Charles Louvier, tem 36 annos; nasceu em Fouchecourt (Vosges)

em 20 de julho de 1861. Começou a atirar aos 23 annos.

Actualmente é vice-presidente da Sociedade de tiro dos gymnastas do Seine.

Suissa

TEM sido debatida, segundo lemos na *Gazette des Carabiniers suisses*, uma questão, realmente interessante: a das posições, que os atiradores devem ter nas carreiras de tiro. Se a pericia d'elles deve ser revelada de pé, de joelhos, ou de corpo deitado; *that is the question*.

Contra o tiro de corpo deitado teem sido levantadas as seguintes objecções:

1.º Cada mudança do atirador d'esta posição é muito demorada.

2.º Admittido que seja uma vez o tiro de corpo deitado, tornar-se-ha, dentro em breve, o tiro normal, como aconteceu na Suissa com o tiro de joelhos. Parece, por conseguinte, preferivel que os atiradores estejam menos exercitados n'uma posição mais facil, do que, abandonarem habitualmente uma posição mais difficil, e por consequencia tornarem-se menos habeis. Com effeito, para dar convenientemente e d'uma maneira pratica, um tiro de corpo deitado é necessario o ar livre, o campo descoberto; tão differentes são as condições d'esta posição, nas carreiras, ou, no campo.

O fim a conseguir em primeiro logar pelas sociedades de tiro, é o de aprender o maior numero de condições geraes para atirar bem, aprender a visar correctamente o alvo, a vencer as difficuldades, provenientes da luz, do vento, etc.; estas condições são o mesmo, quando se atira de pé, de joelhos, ou, de corpo deitado; deixemos pois ao serviço militar, onde não se atira, senão em campo descoberto com a mochila ás costas como na guerra, o cuidado de habituar os soldados ás difficuldades especiaes do tiro de corpo deitado, e vamos bannir-o das carreiras, onde este se tornaria um costume incommodo.

Deixemos no entanto este tiro, para nos occuparmos da posição de pé.

O tiro de pé, relativamente ao tiro de joelhos, está no mesmo caso, que este a respeito do tiro de corpo deitado, é no tiro de pé que se encontra a maior difficuldade a vencer, pelo menos no que respeita á estabilidade, á immobibilidade do atirador; evidentemente quanto menos erguido sobre o chão estiver o atirador, tanto menos os movimentos da parte inferior do corpo são sensiveis; isto é tão verdadeiro, que, a maior parte dos bons atiradores, quando não se atirava de pé, eram homens mais baixos que altos.

Se o tiro de pé apresenta uma difficuldade maior que o tiro de joelhos, a conclusão logica é tornar-se obrigatoria n'um certo numero de casos a primeira d'estas posições, isto seria o meio efficaz para esta não ser sempre abandonada.

RELATORIO apresentado ao «Grande Conselho do Vaud» por Mr. Chavannes, em apoio d'uma proposta apresentada por Mr. Thélin tendente a demonstrar que foi abonada ás associações de tiro um subsidio cantonal; a proposta foi aceite logo em seguida á apresentação do relatório abaixo.

Senhor Presidente, meus senhores:

O acolhimento que fizestes á moção do sr. coronel Thélin e a sua remessa com protecção ao Conselho d'Estado nos permite considerar desde então o Grande Conselho como tendo adquerido ao principio um subsidio cantonal para as sociedades de tiro voluntario.

O estimulo dos nossos associados pelo exercicio de tiro sob a protecção da auctoridade é uma velha tradição do paiz.

Encontram-se vestigios d'elle nos mais antigos pergaminhos de nossos veneraveis mosteiros.

Antes do seculo XVI já, os senhores de Grandson e os principes borgonhezes, tinham favorecido os exercicios de tiro no seu territorio isentando de certos tributos os que se distinguiam pela sua destreza e concedendo especialmente a companhias de arcabuzeiros a posse de determinadas pastagens ou a cobrarem um imposto em determinadas vinhas.

Desde 1574, suas excellencias de Berne concediam generosamente em cada anno ás companhias d'arcabuzeiros do «Paiz de Vaud» algumas peças de fustão como incitamento ao tiro, e isentavam, além d'isso, o rei do tiro d'uma parte do *lawn des aquis*, especie de direito de matação.

Os archivos da mais antiga, salvo erro, das sociedades de tiro de Cantão, os mosqueteiros da Tour-de-Peils, dão a conhecer em 1638, um primeiro subsidio em dinheiro, obrigando, o governo de Berne, a pagar á dita sociedade 17 pequenos escudos e 17 baks.

Suas excellencias, assim como agora o conselho de Estado de 1897, impunham já certas condições para a obtenção do subsidio, entre outras a de atirar ao alvo e não a papagaios de papel ou aves.

Os subsidios ás sociedades de tiro não são, pois, uma invenção do militarismo moderno, mas uma respeitavel tradição de Vaud que como nol-o demonstra o relatório do Conselho de Estado, se eclipsou ha alguns annos, parecendo sufficientes os subsidios federaes para indemnizar as sociedades de tiro das despezas a que são obrigadas.

Desde a adopção da nova arma modelo 1889, o grande alcance d'esta arma e o poder de penetração dos projecteis, trouxeram ás sociedades um augmento de despeza, para trabalhos de protecção nas carreiras de tiro. Tambem a grande maioria dos cantões suissos impõe, de baixo da fórma de subsidio, um imposto pecuniario que varia de 60 centimos a 2 francos por anno e por atirador.

Como complemento á lista muito particularizada dos subsidios cantonaes que são enumerados pelo relatório do conselho de Estado, nós podemos mencionar ainda os projectos de lei submettidos actualmente ao Grande Conselho de Genova e abonando a tres sociedades subsidios de 1:800 francos, 2:700 francos e 3:400 francos, para reparações nos seus alvos, despezas que, entre nós, seriam feitas pelas sociedades ou pelas communas.

As ultimas circulares do Departamento federal ás auctoridades militares cantonaes assignallam a feliz influencia que tiveram os subsidios, concedidos por certos cantões, quer sobre o resultado medio dos tiros, quer sobre a frequencia d'estes pelos atiradores não sujeitos ao tiro obrigatorio.

Com o respeitavel proponente, devemos reconhecer que estes progressos não são nada sensiveis no Cantão de Vaud, por isso não poderiamos deixar de incitar vivamente o Grande Conselho a votar o subsidio de 10:000 fr., proposto pelo conselho d'Estado como allocação supplementar ao orçamento de 1897.

O artigo 2 do projecto do decreto encarrega o conselho d'Estado de fixar o modo e a importancia dos subsidios assim como as condições a que as sociedades de tiro são obrigadas para obterem um.

Pedimos a este respeito ao departamento militar que se limite tanto quanto possivel ás condições impostas pelo programma federal, não exigindo das sociedades outros trabalhos estatisticos, relações, etc., que trariam um augmento de trabalho, pois que a responsabilidade do fornecimento de tiro para obtenção do subsidio federal, exige já das sociedades de tiro um sacrificio de tempo e um trabalho apreciaveis.

Julgamos, além d'isso, que devemos pedir á auctoridade militar cantonal, para aproveitar esta occasião, senão para impôr ás sociedades a segurança dos marcadores e empregados de tiro, pelo menos para prender seriamente a sua attenção sobre a responsabilidade em que incorrem e as reclamações a que se expõem em casos de accidentes. Importa que as nossas sociedades de tiro saibam que em consequencia do augmento dos accidentes de tiro, muito notavel desde que se adopta a nova munição, muitas companhias de segurança adoptaram contractos especiaes, para as sociedades de tiro, que se constituiu uma federação importante de sociedades da Suissa para a segurança mutua dos marcadores e dos socios; finalmente que o unico facto que uma tal sociedade convem pertence á sociedade federal dos carabineiros, traz para ella a segurança dos marcadores, sem outra prestação além da modesta contribuição annual.

A vossa commissão calcula que o subsidio proposto pelo Grande Conselho terá uma feliz influencia no desenvolvimento das nossas sociedades de tiro militar, se se empregar, como desejamos, em generalisar a segurança dos marcadores, em animar os exercicios de tiro facultativo, previstos pelo programma federal, como complemento de tiro obrigatorio, em facilitar finalmente ás Sociedades melhores condições de installação.

Propomo-nos, pois, senhores, votar o decreto submettido á vossa deliberação, certos como estamos que n'este assumpto tão intimamente ligado á defeza do paiz, um Grande Conselho, saído das instituições democraticas, não fará decerto, menos do que os duques de Saboia, os principes de Borgonha e Suas Excellencias de Berne.

Lausanne 8 de Maio de 1897.

O relator

CHAVANNE.

(Da *Gazette des Carabiniers Suisses*).

CAÇA

Antonio de Padua Ferreira Muaze

Vice-presidente da Assembléa do Club dos Caçadores do Porto

ANTONIO de Padua Muaze occupa no mundo venatorio um lugar dos mais distinctos e desempenha no *Club dos Caçadores do Porto* um dos cargos de maior representação. Vice-presidente da assembléa geral, ha muitos annos, foi, antes de ser eleito para o lugar que hoje desempenha, um dos mais desvelados directores que tem tido o nosso Club.

Herdando de seu pae o gosto pela caça, transmittiu-o a todos os seus filhos que, apesar da sua tenra idade, já hoje se põem ao lado d'aquelle que lhes deu o ser, a matarem quasi como elle, as perdizes que, nas alcantiladas serras do pittoresco Douro, mettem de *bico a fundo*, como flechas impellidas pelo arco em mãos herculeas.

No *Club dos Caçadores*, Ferreira Muaze faz parte do grupo d'atiradores premiados com a medalha d'ouro — premio d'honra do Club, — possuindo ainda outros premios adquiridos em torneos extraordinarios do tempo em que elle era acerrimo frequentador da Escola.

Cavalheiro de qualidades superiores, e, ao mesmo passo, um dos commerciantes e industriaes que mais se salientam pela sua intelligencia e actividade; e a sua *Quinta do Castellinho*, ao mesmo tempo que lhe tem avivado a paixão pela musica e pela poesia, tem feito d'elle um dedicado e excellent lavrador.

Que mais poderia dizer do caçador emérito que honra hoje *O Tiro Civil* com o seu retrato? Só coizas que mais o enaltecem, mas de que elle não carece para lhe dar direito a abrilhantar este jornal; portanto noshamos ponto n'esta nossa pequenina descripção a seu respeito.

Porto, novembro de 97.

B. DE SÁ.

O defezo e a Associação dos Caçadores Portuguezes

(Continuado do numero n.º 125)

ENTRANDO na apreciação especial dos artigos do typo de posturas municipaes, o meu amigo Jayme Ribeiro chama sobre a direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes* todas as iras de S. Huberto, nosso patrono, por causa da disposição do art.º 12 que diz o seguinte: «Neste concelho cessa a liberdade de caçar durante o periodo que decorre de 1 de março a 14 d'agosto inclusive de cada anno.»

A fixação do tempo defezo foi um dos pontos mais discutidos pela direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes* havendo opiniões de que devia ser diferente o das provincias do norte do das do sul.

Não desconhecia a direcção que a caça se desenvolve mais precocemente nas provincias do sul, principalmente nas do Alemtejo e Algarve, mas determinou-se finalmente a aconselhar a uniformidade do tempo defezo em todo o reino, por se convencer que essa uniformidade pouco ou nada pode prejudicar a caça nas provincias do norte.

Em Hespanha pela lei de 10 de janeiro de 1879, actualmente em vigor, está fixado o tempo defezo nas provincias do norte de 1 de março a 1 de Setembro e nas do sul de 15 de fevereiro a 15 de agosto.

A differença de temperatura das provincias do norte para as do sul de Hespanha é tão grande que se justifica a fixação da differença nas epochas do defezo, o que não succede entre nós, que não temos os gelos e frios rigorosissimos das provincias do norte do paiz visinho, onde, apesar d'isso, a differença na terminação do defezo é apenas de 15 dias.

A *Associação dos Caçadores Portuguezes* pediu a todas as camaras municipaes do reino um exemplar das suas posturas sobre caça e a maior parte d'ellas tiveram a amabilidade de lh'o mandar.

Pela leitura d'essas posturas viu a direcção que era variadissima a epocha do defezo nos concelhos e que em muitos mesmo do norte do reino, elle terminava em 15 de julho. Estendendo o defezo até 14 d'agosto entendeu a direcção proteger o desenvolvimento da caça nos concelhos em que elle terminava em 15 de julho e até antes d'esse dia, sem prejuizo d'esse desenvolvimento n'aquelles em que elle terminava em 31 d'agosto por se convencer que não é no pequeno praso de 15 dias e já em agosto, quando está muito calor, e por isso as perdizes, a que o meu amigo especialmente se refere, são tão desenvolvidas, que ellas não devem alcançar uma grande differença no seu tamanho.

Além d'isso, meu amigo, nós não estamos n'um grande paiz onde com difficuldade nos possamos transportar para caçar d'uma provincia para outra, e sabe o que succederia se não houvesse uniformidade no tempo do defezo? O meu amigo Jayme Ribeiro a 14 d'agosto mettia-se no comboio para ir caçar ás perdizes no Tramaçal onde já tem ido, caçava no dia 15, fazia uma boa correia e n'esse dia á noite volatva para o Porto onde chegava no dia 16.

Sabe o que lhe succedia ao apaar-se na estação de S. Bento? Ficava sem as suas perdizes, porque lhe eram apprehendidas pela guarda fiscal, visto o defezo no districto do Porto só terminar em 31 d'agosto.

E creia o meu amigo que aqui em Lisboa tem succedido muitos d'estes casos. Em Villa Franca de Xira, por exemplo, o defezo terminava no dia 1 d'agosto.

Alguns Caçadores de Lisboa iam lá á caça, mas á volta nas barreiras, eram-lhes apprehendidas as perdizes, lebres e coelhos que traziam por não ter ainda terminado aqui o defezo e de nada lhes valia o allegarem que elle já terminara no concelho de Villa Franca de Xira, onde haviam caçado.

Ainda uma outra consideração, talvez pueril, levou a direcção a aconselhar o dia de 14 d'agosto para termo do defezo.

O dia 15 d'agosto é dia santo, como o meu amigo sabe, e como o dia de abertura da caça é de festa para os caçadores a direcção deixou-se impressionar por esta consideração para que todos, ricos e pobres, podessem sem prejuizo, irem á festa.

O que quer o meu amigo? nem todos são superiores a puerilidades.

São causa de reparo, e por causa das suas disposições incita o meu amigo Jayme Ribeiro contra nós as iras de todos os caçadores, os art.ºs 2, 3 e 4 do typo de posturas.

Acha-os o meu amigo proteccionistas da propriedade e lesivos para os caçadores e, na sua *ingenuidade*, chega a enganar-se e em vez de chamar á nossa Associação de Caçadores, chamar-lhe de Proprietarios.

Dizem os artigos por causa dos quaes nós é lançado anathema:

Art.º 2 — Todo aquelle que caçar ou

seguir animal ferido em terrenos cultivados abertos, durante a epocha em que se achem sementeiras ou plantaço annual e em terrenos vedados por muros, vallados ou sébes, sem licenças do seu dono ou de quem as suas vezes fizer, incorre na multa de 4\$000.

Art. 3.º — Todo aquelle que caçar ou seguir animal ferido em terrenos que se achem de vinhos ou de outras plantas fructíferas, viveres de pequeno porte desde o tempo em que as plantas começam a abroilhar até á colheita do respectivo fructo incorre na multa de 4\$000 réis.

Art. 4.º — E' prohibido caçar nos terrenos abertos plantados de arvores fructíferas de grande porte. desde o começo da maturação dos fructos até á sua colheita, sob pena de 4\$000 réis de multa.

(Continua).

PAULO CANCELLA.

Covarde como uma lebre

QUANDO se quer chamar a alguém poltrão, diz-se: «é covarde como uma lebre».

Revolta-me a injustiça que se faz a este pobre animal.

E' preciso não a conhecer, nunca ter caçado a ella para a insultar, chamando-lhe covarde.

E' por ventura covarde o homem, que, não tendo armas com que se defenda, foge, quando perseguido por uma fera, e se refugia em sitio onde não possa ser atacado?

Ninguém lhe chamará covarde por isso, e elle contará a *façanha* sem se envergonhar.

Quando a luta é desigual e não ha possibilidade de defesa, ninguém poderá chamar covarde ao que pretende salvar a vida.

Não insultem, pois, a lebre por fugir deante dos seus innumeros inimigos.

E ninguém tem mais do que ella.

O homem, o cão, o gato, ou raposa, o milhafre, a peca, o corvo e tantos outros por toda a parte a perseguem não lhe deixando um momento de repouso e descanso.

O pobre animal tem de estar sempre alerta e mal está se, confiada em estar bem escondida, se demora a pôr-se em carreira e evitar o inimigo.

E como pode o pobre animal defender-se dos seus inimigos, senão fugindo?

Como pode ella bater-se com o homem e defender-se do chumbo da espingarda?

Como pode ella livrar-se dos dentes dos cães e das raposas?

Como pode ella salvar-se das garras dos milhafres?

Fugindo.

Se ella tivesse forças bastantes para poder bater-se com os seus inimigos era bem cabido o chamar-se covarde; mas ella, coitada, não tem dentes, não tem garras, não tem meio algum a empregar na luta e por isso foge, porque só na velocidade está a sua provavel salvação.

Tenho-a visto na cama, depois de terem passado junto d'ella cães e caçadores, conservar-se corajosamente mirrada no chão.

Não a atemorizou a vista do inimigo. Calculou que deixando-se ficar, se salvava e por isso fica, levantando-se apenas quando notou que fóra vista.

Então volta da cama e mette direita aos cães e caçadores quando para esse lado está a salvação.

Quem é que não viu ainda a lebre, perseguida por uma matilha de galgos, quando vae em carreira errada, porque a isso se viu forçada, alapar-se de repente, deixar passar os cães todos por cima de si e depois voltar com toda a velocidade para o sitio onde espera salvar-se?

Quem é que a não viu ainda andar a furtar-se aos cães em matto alto, procurando o ponto mais enredado, alapar-se e seguir quando enganou os inimigos?

Não mostra a lebre n'estas occasiões coragem e sangue frio?

Não corre á doida. Mesmo perseguida vae executando o seu plano de fuga, unico combate que ella pode offerecer aos inimigos.

Calcula as probabilidades de salvação, os meios a empregar para evitar os inimigos, e executa-os sem excitação e com sangue frio.

Nisto está a manifestação incontestavel da sua coragem.

Quando a lebre se bate com inimigo com armas eguaes e de igual força, não foge, accerta o combate que é incarnizado.

No tempo do cio os machos teem lutas medonhas, arrancam-se o pello, rasgam-se as orelhas e tão accesos andam na luta que muitas vezes deixam chegar o caçador sem se aperceberem da sua presença.

Para que insultar, pois, a lebre, chamando-lhe covarde?

NEMO.

Gallinholas

NUMA caçada em Pombal, realisada pelos meus amigos Ernesto Vianna, José Rocha, Saint-Clair Chaves e por mim, ás perdizes e ás lebres, morreram duas gallinholas, unicas que tiveram a infelicidade d'apparecer, sendo uma morta pelo primeiro e outra pelo terceiro dos meus felizes companheiros. Uma d'ellas vi-a no chão, marrada por um dos meus cães.

Obrigando-a a levantar-se, errei-a com dois tiros, que lhe fiz a médio, por sair virada ao meu *secretario*, que se achava em frente a mim, no alto do monte. Foi a que matou o Ernesto, no segundo levantar.

Lebres, morreram cinco, escapando-senous duas. Perdizes, poucas appareceram; todavia, mataram-se treze.

Caçamos dois dias, em 1 e 2 do corrente, debaixo d'um constante temporal de vento acompanhado, d'espaco a espaco, por impertinentes aguaceiros e trovões.

Foram vistas mais duas gallinholas, nas proximidades do Porto, mas ambas se furtavam á morte que tentavam dar-lhes os caçadores.

Apesar de não ser ainda tarde, parece-me que posso dar aos meus confrades d'aqui, a triste nova de que pelos nossos sitios poucas gallinholas teremos este anno, em consequencia do tempo que vejo ir correndo.

Porto, 9 de novembro de 1897.

B. DE SÁ.

Do nosso estimado collega *O Tribuna Popular*, de Coimbra:

O sr. Vasco Ferreira de Souza offereceu ao museu da Universidade uma gralha de bico vermelho (*coracia gracula de Linco.*) caçada na serra de S. João de Couchel, proximo ao Espinhal.

Esta ave, muito pouco frequente no nosso paiz, vive habitualmente nos Alpes e nos Pyreneus, d'onde apenas desce nos invernos rigorosos em busca de alimento.

Não ha muito ainda que o sr. Jayme Ferreira de Gouveia egualmente offereceu ao mesmo museu uma outra ave valiosa uma aguia João-branco, caçada tambem junto ao Espinhal, nas abas do monte de Vez. Esta era um magnifico exemplar, tinha de envergadura, 1,80^m.

Do nosso estimado collega *Estrella Povoense*, da Povoia de Varzim:

Desappareceram por completo as codornizes. A secca que houve mirrou todos os pastos da caça e, o que é peor, todas as pastagens dos gados. Ainda assim os nossos caçadores não podem queixar-se da sorte.

Quando acabaram as codornizes, vieram, como em substituição, as batardas.

Tem havido p'rahi batardas em barda. Pena é que viessem tão tarde. A falta de milharaes, que as encubram, torna-as quasi inacessiveis aos caçadores. Poisadas em campos rapados e, demais a mais, fogueadas, levantam-se a distancias enormes.

Entretanto, os que têm tido paciencia para supportar o systema de as caças de emboscada, por detraz das paredes, teem feito boa facha.

SECÇÃO LITTERARIA

Musa alegre

EM um jantar do *Club dos Caçadores do Porto*, ha tempo realisado, um festim alegre e ruidoso, onde os convivas fizeram um ataque em fórma a um *menu* genuinamente portuguez — houve um brinde em verso do nosso amigo e collaborador o Sr. Ernesto Vianna, que, por o julgarmos inoffensivamente humoristico, não podemos furtarmo-nos ao prazer de o tornar conhecido dos nossos estimados leitores. Eil-o:

Confrades em Santo Huberto,
Eis-nos em doce convívio!
Se a vida é fardo, se é certo,
Busquemos dar-lhe um allivio.

Tristezas!... varram-se ao largo!
Eu por pranto dou *cavaco*,
Ou seja doce, ou amargo,
Sendo chorado por Baccho.

Doces visões, bem fagueiras,
Vem povoar minha mente!
Vejo leões nas clareiras!
Além, na matta, a serpente!

Nas serras virgens d'Agrella
Diviso o tigre feroz;
E a altiva, fina gazella,
Pastando os prados, na Foz!

A cascavel assanhada
Habita os pinhaes d'Alfêna.
Perdizes!... não tomo nada,
— Agora só caço hyena.

Codornizes e coelhos...
E' só caça p'ra *pechotes*!
Prefiro andar nos chavelhos
D'um bisão fero, aos pinotes!



Antonio de Padua Ferreira Muaze

Vice presidente da Assembléa Geral
do Club dos Caçadores do Porto

A lebre é caça vulgar,
Só convem ao *laverqueiro*;
Abestruz é meu caçar,
Ou o tapir, o fouveiro.

Chumbo de caça — vergonha!
Quero só bala explosiva!
— A caça julgo-a enfadonha,
Quando é caça inoffensiva.

Javardos, tigres, leões,
Peças de grande jaez!
Eis-me em guerra, campeões,
Mostrae a vossa altivez!

Nem quero armas, prescindindo,
Sobeja a força dos braços:
E salte agora o mais lindo
Que fica feito pedaços!

Racho, degolo, trucido,
Seja elle o mais *pinçado*!
Quer seja gallo cosido,
Quer leitão, mas bem assado!

Tremei, ó monstros do mar!
Ursos do polo, tremei,
Que *mayonnaise d'homard*
Inda ha pouco eu devorei!

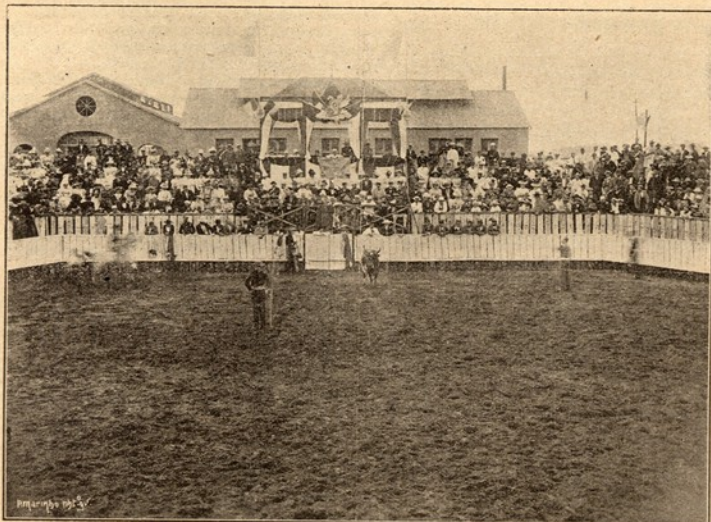
Que forças n'este licor
Encontra quem as procura!
(Mas quer-se de bom sabor,
Aqui não vale a mistura).

Sonhos fallazes, visões,
Qual d'ellas a mais galante!
Despejae os garrafões
E a musa caminha ovante!

Mostrar-vos-ha que tristeza
No mundo já não existe,
Com bons pratos sobre a meza
E tendo a botelha em riste!

Tristeza!... varra-se ao largo!
Por pranto dêmos *cavaco*,
Ou seja doce, ou amargo,
Sendo chorado por Baccho.

Confrades em Santo Huberto,
Eis-nos em doce convívio!
Se á vida f' ardo, de certo,
Carree, ás vezes, d'allivio.



Praça de Lourenço Marques

Vista da praça no momento de se effectuar a primeira corrida de touros

E dou por findo o *cavaco*:
 — Desculpae se não foi bem —
 — Eu bebo pelo deus Baccho!
 — Eu brindo por Savarin!

Uma anecdota de caça

AO MEU AMIGO ERNESTO VIANNA

UM dia um meu amigo e velho companheiro das lides academicas, que está exercendo a clinica n'uma das villas do Alemtejo escreveu-me convidando-me a ir passar alguns dias com elle, deixando o meu querido Porto, onde eu me estiolava

uma conversa começada assim poderia ir muito longe e muito mal.

Quando o comboio parou em Espinho ella saltou ligeira como uma galinhola e lá se perdeu na multidão atirando olhadelhas a torto e a direito.

E ambos, eu e o conselheiro lá seguimos Portugal em fóra, elle lendo o *Economista*, eu fumando charuto e admirando mais uma vez a belleza das paisagens.

Quando ao fim d'umas poucas d'horas o comboio parou no Entroncamento, eu com as pernas presas de tanto tempo ir

linha tinha fugido da capoeira e andava empoleirada no muro do quintal.

Como não podesse dormir mais vestime e fui passear. A villa em si pequena e feia sem vida propria ou exterior pouco tinha que ver e em uma hora eu conhecia todas as suas ruas e beccos. O que porém me extasiava era o aspecto grandioso e bello do Tejo. Quantas horas ali passei emquanto lá estava sentado n'uma pedra vendo deslizar aquella massa d'agua impo-

nosamente. Os arrebaldees são formosos e era para ali que eu distrahia as minhas attentões, mas horas havia no dia em que era como que obrigatorio passal-as na unica loja boa terra, a loja do Maximo.

O Maximo é um excellente rapaz proprietario d'um estabelecimento onde se vende tudo e onde se reune tudo o que de melhorsinho ha em pessoas n'aquella terra.

E por isso do meiq dia ás duas esperando o correio ali encontravamos o Prior com as suas faces rosadas e os seus olhinhos vivos encafuado no seu fato cõr de pinhão, muito correcto no seu dizer e muito pensado nas suas ideias, ali vemos o medico da terra baixinho e guedelhudo estimado de todos, fazendo clinica com acceito e boa vontade, o boticario, rapaz novo, gorducho e corado, com ares de bom rapaz e com uns vernizes de Lisboa a grande terra, o Santos um grande pandego que teve a infelicidade de ficar *leso* d'um malzinho que lhe deu, como por lá diziam, com o seu casaco azul de cotim, e de chapeu de palha adebroado a fita preta, rindo-se alegremente ao ouvir contar uma historia brejeira e apimentada e tendo sempre esta phrase por elle nas occasiões proprias, um pouco arrastado «ora está claro.»

Vae ali o mestre escola um homem que pensa mais nos seus dous perdigueiros do que na educaçao intellectual dos meninos, o Lourinho, que é um bello caçador e pescador etc. etc.

Estes mesmos personagens que ali se reune de manhã são certos do fim da tarde até se fechar o estabelecimento, ás 9 horas da noute.

Pois uma noute que ali estava conversando com elle, caiu a conversa em prozas venatorias, cada um tinha lá a sua *mentirola* para impingir, e cada um por sua vez a foi contando até que me tocou a vez a mim.

— E você, disseram elles, você nunca fez nenhuma proeza na caça?

— Eu não, respondi, eu nunca fui caçador, mas vou-lhes contar uma historia que me dizem ser authentica.

— Venha lá ella, deve ser boa.

— Eil-a.

— Um dia um grupo de caçadores con-



Chalupa ORION

Propriedade do sr. Domingos Antonio de Abreu

aos poucos minado pela minha malvada doença figadal.

E eu que sempre me pelei por passar uns tempos na aldeia, fui de mão propria levar-lhe a resposta á sua attenciosa carta.

E por uma manhã esplendida de outono, feita a pequena mala de roupa branca e de fato de *touriste* envergado n'este meu corpo desajeitado e exotico tomei um bilhete de 1.^a classe e lá me deixei levar por esse monstro de fogo e ferro que se chama comboio, até ao desejado logar.

Ao entrar no meu compartimento apenas estavam dous companheiros e um velhote, que devia ser conselheiro á certa, e que era surdo como uma taboa, como tive occasião de verificar depois, e uma gentil mundana de toilette espaventosa e mirabolante.

Arranjada a bagagem nas redes da caruagem e relanceada a vista mais um pouco demorada sobre os meus companheiros de viagem, tirei da carteira um charuto e de bonet em punho perguntei se encommodaria fumando.

Ella a gentil passageira compoendo o melhor e mais doce dos seus sorrisos disse-me n'um portuguez hespanholado que podia fumar á vontade que a não encommodava nada, elle o *conselheiro acciacamente* encaixado no estofo do carro nem sequer despregou os olhos do *Economista* que lia com verdadeiro interesse, não me ouvira.

Sentei-me vis-à-vis da hespanhola e perguntei para onde se dirigia.

— Para Espinho disse. Ali é que se pode estar ainda.

As roletas não fecharam e os homens lá pescam-se muito facilmente.

Ah! sim! retorqui eu, desapontado com o prasaismo da minha aventura, e callei-me prudentemente porque eu não sendo um santo sou no entretanto uma pessoa que gosta de conviver só com gente da sua plaina, e

sentado, saltei para a gare lá estava o meu amigo que de braços abertos me gritava «parece incrível! E's tu emfim.

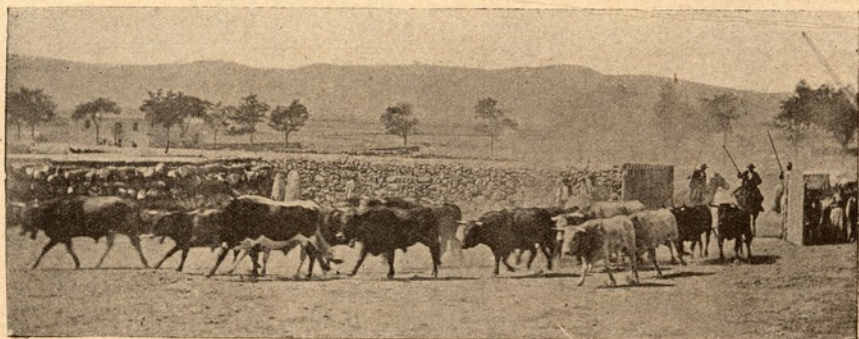
Dados os abraços do estylo partimos n'uma bella charret atravez de charnecas e povoados e ao fim de duas boas horas parávamos á porta da casa do nosso amigo, onde nos aguardavam com um bello jantar.

A dona da casa, que eu de ha muito conhecia fazia-me perguntas do Porto, d'estas e d'aquellas, e elle o meu amigo esse queria saber tudo, tudo e indagava dos rapazes do nosso tempo emfim um verdadeiro jantar de amigos que não se veem ha annos.

Conservámo-nos á mesa até tarde e quando me dispunha dar um passeio pela villa ó meu amigo disse-me: hoje não ha illuminação porque está uma noite de luar e demais são 9 horas e está tudo fechado, deita-te e amanhã verás o que ha que ver por ahi.

Assim fiz e massado como estava da viagem só dei accordo de mim quando ás 6 horas da manhã ouvi o ladrar furioso d'um cão.

Puz-me a pé e fui á janella ver o que era. E que havia de ser? era o incomparavel Tigre (cão do meu amigo) que ladrava chamando a criada por que uma gal-



Condução de gado bravo

tavam as suas proezas de caça quando um caçador disse: a mim só uma vez na minha vida me fugiu uma peça de caça! Então? perguntavam. Uma lebre, meus amigos, uma lebre que por mais que fizesse por melhores que fossem os galgos não a poderiam nunca agarrar! Ora!... volte-ram os outros! E' o que vos digo, e não a poderiam agarrar porque era d'uma conformação diferente de todas as outras, tinha oito pernas! Oito pernas insistiram os outros, essa agora!...

E' o que vos digo meus caros, quatro no logar proprio e outras quatro no lombo, e quando estava cançada d'umas virava-se e punha-se a correr com as outras...

Pois eu matei essa lebre, disse um dos do grupo. Como perguntou o nosso homem. Muito simplesmente, disse elle, ateí dois galgos pelas costas e quando um estava cançado o outro virava-se e desatava a correr atraz d'ella. Não que só assim é que se poderia caçar.

—Eis aqui meus senhores o meu conto. Uma gargalhada foi a resposta a elle, tinham gostado e pediam mais, mas o Maximo olhou para o relógio e disse unicamente «são 9 horas.»

Todos á formiga se safaram e eu fiz o mesmo.

ALBO.

VELOCIPEDIA

José Bento Pessoa

TEM estado na Figueira em visita a sua familia o distincto campeão velocipedico José Bento Pessoa.

A sua chegada foi enxperada, não podendo por isso ter logar a recepção que a Direcção do *Gymnasio Club* lhe queria fazer no domingo 7; um grupo de socios do *Gymnasio* offerceu-lhe um esplendido banquete no Hotel Reis correndo animadissimo. Assistiu tambem a esta festa o distincto cyclista Francisco Martinho que de passagem se achava na Figueira.

Fizeram-se entusiasticos brindes a José Bento, Martinho, d'Orey, Minchim, *Gymnasio Club*, a todos os clubs cyclistas do paiz etc.

A meza achava-se lindamente ornada com plantas e flores e na sala o retrato de José Bento com uma dedicatória em cartão ornada de flores e fitas azues e brancas, sendo esta dedicatória assignada por todos os presentes, levando a José Bento para Lisboa como recordação de tão esplendida festa.

José Bento partiu n'esse mesmo dia para Lisboa no comboio da meia noite.

F.

Porto, 11 de novembro de 1897.

NO dia 24 do passado realizaram-se no velodromo da Serra do Pilar as segundas corridas internacionaes com uma enchente colossal.

O *match*-Marti-Pessoa e Lopes era a grande attracção da festa.

A's 4 horas entraram na pista Pessoa-Marti e Lopes correndo-se a primeira prova do *match* que deu o seguinte resultado:

1.º Pessoa — 2.º Lopes — 3.º Marti.
6 voltas — 2.000^m
tempo 5' 6" ¹/₅,
ultima volta 23" ¹/₅.
Grande ovação a José Bento.
2.ª corrida (Nacional) reservada — 12 voltas — 4000^m.

1.º Antonio Real.
2.º Antonio Pinho Soares.
3.º J. Borges da Cunha.
tempo 7' 15"
ultima volta 32"
3.ª corrida 2.ª prova do *match* Marti—Pessoa — Lopes.
1.º Pessoa — 2.º Lopes — 3.º Marti.
tempo 5' 25" ⁴/₅,
ultima volta 23" ¹/₅.
4.ª corrida — Seniors.
9 voltas — 3000^m

1.º Antonio Pinho Soares.

2.º J. Oliveira.

3.º Mario Teixeira.

tempo 5' 22"
ultima volta 31" ¹/₅.

A 5.ª corrida que era a prova final do *match* não se realizou por não ter havido empate nas duas anteriores.

O 6.º numero do programma era uma tentativa de *record* de 10 kilometros por Joaquim Borges da Cunha que percorreu aquella distancia em 15' 43" ¹/₅, ultima volta 26" ¹/₅.

Borges da Cunha foi *entrainado* por Pessoa—Marti—Lopes em *tripleto* Clement, seu irmão José e Alfredo Valente em *tandem* Raleigh e M. Teixeira e Pinho Soares em *tandem* Clement.

O publico applaudiu freneticamente o *equipo* da *tripleto* que foi realmente notavel assim como Borges da Cunha que é hoje um dos nossos melhores cyclistas.

O publico deve ter ficado satisfeito e os amadores da velocipedia tambem.

Por este anno acabaram as corridas n'este velodromo.

No domingo passado realizaram-se as annunciadas corridas particulares no velodromo *Maria Amelia* do R. V. C. P.

O dia appareceu chuvoso e nada proprio para esta diversão, de maneira que a concorrência foi diminuitissima.

A Direcção não quiz adial-as por ter de proceder quanto antes ás obras no velodromo.

Eis o resultado:

1.ª corrida — Junior — 4 voltas.

1.º premio — E. d'Almeida.

2.º — Eduardo Pinto da Cruz.

3.º — Alcibiades Barros.

2.ª corrida — Senior — 6 voltas.

1.º premio — Nuno Salgueiro.

2.º — A. Jocosper.

3.º — Alfredo Valente.

3.ª corrida. *Handicap*. (mixta)

1.º premio — Valente-Jocosper) em *tandem*.

2.º premio — Ricardo Garcia y Gomes em bicycleta.

3.º premio — E. d'Almeida em bicycleta.

4.ª corrida — Veteranos 4 voltas.

1.º premio — Ricardo Garcia y Gomez.

2.º premio — Adolpho Vieira da Cruz.

Olintho Muaze entrou n'esta corrida fóra de concurso.

5.ª corrida mixta — 6 voltas.

1.º premio — Antonio Lopes, em bicycleta.

2.º premio — Valente Jocosper, em *tandem*.

Esta corrida foi muito bem disputada.

6.ª corrida — Original em bicycleta sem pedaes.

1.º premio — Nuno Salgueiro.

2.º — E. Pinto da Cruz.

7.ª corrida — Saltos d'altura.

1.º premio — Raul Outeiro.

2.º — Jorge Mattos.

A corrida a pé (obstaculos) não se pode realizar porque a chuva não deixou o terreno em condições para isso.

Tem sido muito comentadas umas noticias de corridas publicadas n'um jornal chamado *Nova Lucta*.

O chronista afastando-se por completo do caminho a seguir, diverte-se a injuriar sem motivos o corredor Antonio Lopes, chegando a não admitir que o pae d'este distincto *veloceman* possa sentir alegria com os triumphos do filho.

Acha-se completamente restabelecido Alfredo Nunes de Mattos sob-guia do R. V. C. P.

Falleceu o sr. Manuel San Romão membro do conselho fiscal do R. V. C. P.

PEDAL CHICO.

NAUTICA

CENTENARIO DA INDIA

REGATAS NACIONAES E INTERNACIONAES

Programma da regata de vela no dia 15 de maio de 1898 em Cascaes

1.ª corrida — Para *yachts* excedendo 60 L. R. 1.º premio — *Taça Vasco da Gama*, *Libras* 200 e uma medalha de ouro.

1.º A taça ficará na posse do Club a que pertencer o barco vencedor para constituir um premio internacional perpetuo.

2.º Este premio só poderá ser disputado em regatas em que entrem dois ou mais clubs.

3.º Essas regatas serão annuaes ou em periodos nunca excedentes a 3 annos.

4.º A organização d'esta corrida competirá ao Club que esteja de posse da taça e terá logar mediante coadjuvação da Sociedade de Geographia de Lisboa e dos clubs nauticos portugueses se o Club organisador assim o entender conveniente.

5.º A realisação d'este certamen terá logar em Cascaes.

2.º premio — *Libras*, 100 e uma medalha de prata.

O segundo premio só será concedido quando corram 4 *yachts* ou mais.

Percurso 60 milhas.

2.ª corrida — Para *yachts* de 50 L. R. até 60 L. R.

1.º Premio — *Libras* 100 e uma medalha de ouro.

2.º Premio — *Libras* 50 e uma medalha de ouro.

O segundo premio só será concedido quando corram 5 *yachts* ou mais.

Percurso 40 milhas.

3.ª corrida — *Handicap* para *cruzers* de qualquer tamanho excedendo 20 toneladas *Thames Yacht Measurement* conforme *Lloyd's Yacht Register*.

Premio — Um objecto de arte offercido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, *Libras* 50 e uma medalha de ouro.

Percurso 40 milhas.

4.ª corrida — Para *cahiques*.

Premio — 350\$000 *réis*.

Só haverá corrida largando 5 barcos.

Percurso 40 milhas.

Dia 16 de maio de 1898 em Paço d'Arcos

1.ª corrida — *Handicap* para *cruzers* acima de 5 toneladas até 20 toneladas *Thames Yacht Measurement* conforme *Lloyd's Yacht Register*.
Premio — *Libras* 30 e medalha de prata.

Percurso 20 milhas.

2.ª corrida — *Handicap* para *yachts* de mais de 2 1/2 toneladas até 5 toneladas *Thames Yacht Measurement* conforme *Lloyd's Yacht Register*.
Premio — *Libras* 15 e uma medalha de prata.

Percurso 10 milhas.

3.ª corrida — *Handicap* para *yachts* até 2 1/2 toneladas *Thames Yacht Measurement* conforme *Lloyd's Yacht Register*.
Premio — *Libras* 15 e uma medalha de prata.

Percurso 10 milhas.

Condições geraes

1.ª Podem tomar parte em todas as corridas *yachts* de qualquer armação registados em qualquer Club reconhecido.

2.ª Os regulamentos de *Yacht Racing Association* 1897 serão os unicos seguidos em todas as corridas.

3.ª commissão é reservado o direito de fazer todas as modificações que julgar necessarias e de mudar os dias da regata, caso julgue conveniente. As decisões tomadas pela Commissão não teem appello.

4.ª A Commissão tem tambem o direito de regatear qualquer entrada.

5.ª Todo o protesto deverá ser acompanhado d'um deposito de *Libras* 4, que revertirá em favor do fundo da Regata, caso não seja accite.

6.ª Um vapor acompanhará todas as corridas.

7.ª As inscrições para as corridas serão feitas conforme os regulamentos da *Yacht Racing Association* e dirigidas á *Commissão Executiva do Centenario da India* — *Sociedade de Geographia*, Lisboa.

Programma da regata de remos no dia 17 de maio de 1898, em Lisboa

1.ª corrida — Para *Skiffs*.

Premio — *Medalha de ouro*.

2.ª corrida — Para *Outriggers* de 4 remos.

Premio — *Medalha de ouro*.

3.ª corrida — Para *guigas* de 1.ª classe de 6 remos.

Premio — *Medalha de ouro*.

4.ª corrida — Para *guigas* de 1.ª classe de 4 remos.

Premio — *Medalha de ouro*.

5.ª corrida — Para *guigas* de 2.ª classe de 6 remos.

Premio — *Medalha de vermeil*.

6.ª corrida — Para *guigas* de 2.ª classe de 4 remos.

Premio — *Medalha de prata*.

7.ª corrida — Para *escaleres* de 6 remos de navios de guerra portugueses e estrangeiros.

Premio — *Libras* 10 e medalha de cobre.

8.ª corrida — Idem para *escaleres* de 8 remos.

Premio — *Libras* 10 e medalha de cobre.

9.ª corrida — Idem para *escaleres* de 10 remos.

Premio — *Libras* 10 e medalha de cobre. Quando os *escaleres* forem timonados por

um official de marinha será concedida medalha de ouro ao timoneiro.

Percurso 1 milha.

Condições geraes

1.º Os regulamentos *Henley Regatta 1897* serão os seguidos para estas corridas.

2.º A Comissão é reservado o direito de fazer todas as modificações que julgar necessarias e de mudar os dias da regata caso julgue conveniente. As decisões tomadas pela Comissão não tem appello.

3.º A Comissão tem tambem o direito de regeitar qualquer entrada.

4.º Qualquer protesto deve ser acompanhado d'um deposito de 1 libra, que reverterá a favor do fundo da regata, caso não seja accete.

5.º As inscripções para as corridas serão feitas conforme os regulamentos do *Henley Regatta* e dirigidas á *Comissão Executiva do Centenario da India — Sociedade de Geographia*.

Vélas furadas do capitão Vassallo

Já fallámos n'estas vélas; agora apresentamos um exemplo a comprovar a sua efficacia.

O capitão Longobardo, do *Macdiarmid*, de 1:562 toneladas, affirma que as vélas systema Vassallo, fazem augmentar a velocidade de 1 milha por hora e como batem menos sob o esforço do vento, assegura-lhes a conservação.

Conta que, achando-se na manhã de 14 de novembro de 1896 na altura do Cabo S. Roque (Brazil), no geral do S. E., quiz fazer uma experiencia pratica.

Havia dois dias que um *quatro-mastros* inglez singrava a barlavento n'uma distancia calculada a permittir signaes com as bandeiras.

Como o *Macdiarmid* se dirigia para o sul, na direcção igual ao inglez, o capitão deu ordem para substituir as vélas antigas por vélas furadas.

Ao pôr do sol o navio inglez já ficava distanciado 4 milhas pela pópa, e na manhã seguinte mal se avistava a sotavento, dos topos do navio italiano, a sua mastreação.

A observação não deixa de ser interessante, mas torna-se necessario mais exemplos para se formar juizo seguro.

Não se poderia nas nossas embarcações tentar-se essas experiencias, seguindo-se já se entende, as praxes legaes, visto que o inventor tirou patente?

(*Annuaire do Club Militar Naval*).

TAUROMACHIA

Cuba Taurina

Houve em 17 de outubro proximo passado na Havana, capital de Cuba, uma corrida de 4 touros, sendo 2 de Camara, e 2 de Minra, ambos de Sevilha.

As rezes que foram medianamente estoqueadas por *Faico* e *Gorete*, mataram 10 cavallos, proporcionando boa lide e attendiam respectivamente pelos seguintes nomes: *Dianante*, *Espejito*, *Perdigon*, e *Sanguijuelo*.

Dos picadores quem se tornou notado foi *Coriano*, e dos bandarilheiros, *Paqueta*, sómente na brega.

Por cá nem isso succede.

Revista quinzenal

O pessimo tempo que tem havido mais uma vez fez transferir a tal corrida monstro, annunciada, e que o Sr. Francisco Costa pretende dar no Campo Pequeno com os espadas *Reverte*, *Quinito*, *Bombita* e *Parrao*.

N'aquelle dia dirigimo-nos então para Alégs onde vimos uma novilhada (?) desempenhada pelos amadores do grupo tauromachico Sebastian Silvan, (*Chispa*), que, comquanto ignorantes portaram-se com valentia.

Os novillos que antes se poderiam chamar touros pela sua grandeza e corpulencia. pertenciam ao sr. conselheiro Alvares Pereira, e cumpriram, excepto um ou dois que se tornaram fugidios e saltões.

Salientaram-se na lide o cavalleiro João Arnaldo farpeando o 1.º touro; Francisco Rodrigues bandarilhando o 2.º e outros, e Manoel Espinosa, (Flores), n'um par a *quiebro*.

Os bandarilheiros Antonio Augusto e Luiz Gonzaga, brindaram-nos as suas duas primeiras sortes, gentileza que agradecemos.

Os forcados pegaram sem arte, isto é, agarram as rezes, pois não lhes davam terra nem procuravam em sorte. Um d'elles tentou pegar de costas sentado n'um banco, mas citou tão em curto que o touro atirou com tudo por ares e ventos.

Emfim uma função de gargalhada de que o publico do sol é muito apreciador.

O espada *Chispa* que estava annunciado não compareceu por justos motivos mandando em seu logar alguns dos peões que compõem a sua quadrilha.

PHILATELIA

Ao iniciar hoje, n'este periodico a que me ligam tantas sympathias, a minha collaboração sob o ponto de vista philatelico, cumpre-me começar por dizer aos meus leitores que o meu empenho aqui, n'este campo, é o mesmo que sempre me tem guiado em todas as occasiões em que, quer na imprensa diaria, quer em publicações especiaes, tenho tratado do assumpto: não me limitar sómente a uma simples *chronica* das novidades que poderão figurar nos *albums* dos colleccionadores; mas procurar acompanhar essa secção indispensavel aos philatelistas com notas, investigações e criticas que conduzam não só ao conhecimento geral das multiples questões que com a philatelia se prendem como ao desenvolvimento do estudo de muitos e interessantes factos a ella relativos, tudo isto sem paixão, nem azedumes nem parcialidades, e apenas tomando por norma a fria analyse dos factos e a independente manifestação das minhas opiniões.

N'esse intuito, porei sempre ao dispôr de quem deseje quaesquer esclarecimentos os recursos da minha limitada competencia, o nunca me recusarei á discussão com aquelles que entendam dever contradictar-me.

J. FRAGA PERV DE LINDE.

Muito ha que dizer n'esta secção sobre as novidades philatelicis no nosso paiz, e, na actualidade, o primeiro assumpto a tratar é, naturalmente, da proxima emissão postal commemorativa do centenario da India, emissão que merecerá da minha parte demoradas e repetidas referencias, interesse a que lhe dá jús a excepcional importancia, quer do facto commemorado, quer, propriamente, d'essa mesma emissão que, por ser a maior do seu genero em Portugal, até ao presente, se apresenta em excepçoes condições.

Tambem, fóra essa emissão, outras ha que merecem registro e que começarão a circular em principios do anno proximo, como as do novo typo colonial e os bilhetes postaes illustrados no verso com vistas das nossas colonias, innovação que estava reservada a Portugal, os novos sellos da Companhia do Nyassa, ha poucos dias ainda auctorizados, etc., etc.

A emissão postal commemorativa do centenario será creio eu, coroada de melhor exito do que as duas congeneres já por nós feitas — centenarios de D. Henrique e de Santo Antonio, — e ha mesmo um facto que, parecendo insignificante, poderá ao que me parece, contribuir em muito para ainda mais avolumar o producto da venda das referidas formulas: E' o projecto, ao que parece já assente, de emitir um sello na colonia ingleza do Natal, que commemore a descoberta d'aquelle porto, descoberta como é sabido feita por Vasco da Gama, na sua derrota para a India.

Quem conheça a influencia, por assim dizer decisiva, de que o mercado inglez dispõe em coisas philatelicis, ha de concordar commigo em tal opinião, por que natural é suppôr que, partindo de uma colonia britannica a idéa de fazer por si propria uma commemoração postal, a commemoração portugueza, que se refere ao resultado capital da viagem do Gama, ha de interessar, pelo menos por associação, aos colleccionadores, que *dão a lei* em philatelia.

Haja em vista a guerra que os inglezes fizeram á emissão antonina, e recorde-se o desastre

d'essa emissão, desastre proveniente d'essa guerra.

Mas vae já longo este arazoado e o espaço não abunda, ao mesmo tempo que a paciencia dos leitores não deve ser sujeita a mais dura prova.

Por isso deixo para o seguinte numero o verdadeiro inicio da *especialidade* de todos estes assumptos, de que fica exposta a *generalidade*.

E' como no parlamento, quando o projecto de lei é muito extenso: continua a *ordem do dia* na proxima sessão...

J. F. P. L.

DIVERSAS

Dr. Henrique Anachoreta

ESTÁ em Lisboa, depois d'uma prolongada ausencia em Santarem, este nosso particular amigo e collaborador, prestimoso secretario da direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, e um dos seus fundadores.

A sua ausencia, tornou-se deveras sentida, por isso que a associação já muito lhe deve e muito tem a esperar da sua reconhecida actividade.

Gymnasio Club Figueirense

INAUGURAM-SE no dia 16 as classes de gymnastica n'este Gymnasio cujo horario é o seguinte:

Classe infantil ás 6 e meia da tarde.

de adultos ás 8 horas

A's quartas feiras e sabbados.

A classe de esgrima não poudo por enquanto funcionar por motivo do professor não poder agora tomar a sua direcção, esperando-se que brevemente seja inaugurada.

F.

Um cão denunciante e compromettedor

EM um jornal francez, recentemente chegado a Portugal, lê-se a interessante noticia, que vou transmittir aos leitores do *Tiro*, persuadido de que a alguns poderá ella servir de magnifica lição.

«Os debates n'um processo que se desenrola actualmente em um dos Tribunaes do Sena, vieram revelar uma picante aventura que vae atestar d'allegria a alma austera de M. Beranger: um cão fez-se denunciante das infidelidades conjugaes de seu senhor.

A esposa trahida foi a propria que contou a aventura perante os juizes repletos de contentamento.

Esta senhora, que desconfiava do seu infortunio, mas que não tinha d'elle as provas, passava todos os dias na rua Lafayette, onde seu cão parava regularmente defronte de certa casa e entrava mesmo no corredor para onde se esforçava em levar consigo sua ama.

Ultimamente, esta resolveu-se a fazer a vontade ao cão; seguiu-o, entrou na casa, subiu a escada a traz d'elle e o cão fê-la parar diante da porta d'um quarto do 3.º andar.

A dama soube que n'esse quarto habitava uma artista dramatica; e, alguns dias depois, fazia constatar um flagrante delicto.

Chama-se a isto ser trahido pelo seu proprio cão, ou, antes, pelo seu fiel amigo.

Aquelle cão é o terra-nova... da virtude».

**

Mas, agora me lembro eu: não irei, com a divulgão d'este acontecimento, pôr em sobresalto muitas esposas de confrades meus, e provocar-lhes o appetite de darem uns passeios com os nossos perdigueiros pelos sitios onde costumamos ir caçar?

Que Deus afaste para bem longe d'ellas tal lembrança e que a nós nos livre de nos succeder o mesmo que succedeo ao auctor da scena da rua Lafayette.

Cuidado! nada de depositarmos tão cega confiança em nossos *feis companheiros*.

Porto, 9 de novembro de 1897.

B. DE SÁ.

A memoria dos animaes

CONTA o jornal *L'Eleveur* que um administrador inglez, residente em Colombo, na ilha de Ceylão, recebeu, ha algum tempo, a visita de um dos seus amigos, o engenheiro civil Quinton, empregado na India. A' noite este pediu para vêr os elephantos do administrador, que acabavam de chegar do trabalho. Depois de os ter observado durante algum tempo, distinguuiu um que os guardas tinham preso por causa da má indole e que egualmente se differenciava dos outros por uma grande cicatriz.

Quinton avançou para o animal com grande terror dos hindus, que o julgaram perdido; mas, longe de lhe fazer mal, o elephante acariciou-o com a tromba, manifestando signaes evidentes de amizade e logo que elle se affastou, o elephante tentou quebrar as prisões para o seguir. Então Quinton explicou que este elephante já tinha estado ao seu serviço alguns annos antes, quando construiu a estrada de Jaffna.

Um dia, o animal entrou na face um grande espinho, que não lhe tinham podido tirar completamente e a ponta ficou na ferida. O ferimento irritou-se, causando um tal soffrimento ao animal, que este começou a enfurecer-se. Foi então que seu dono tentou allivial-o; tratou-lhe a ferida com a ajuda de emolientes e anti-septicos, e chegou a extirpar-lhe o espinho.

O elephante estava lembrado do seu bemfeitor e reconheceu-o, apezar dos annos decorridos.

O bravo «Dimitri»

OBDECENDO ao disposto, dois guardas da paz, que esta manhã faziam a sua ronda, perto das nove horas, nas margens do canal do Ourcq, tinham-se apoderado d'um cão, que parecia perdido, sem tréla e sem acaimo.

O animal, um soberbo galgo russo, de pello fulvo, de fortes jarretes, trazia na sua colleira de prata, artisticamente cinzelada, o seu nome — *Dimitri* — sem indicação do dono nem de morada. Deixára-se agarrar e passar uma corda ao pescoço, sem dificuldade, e seguia docilmente o passo dos seus conductores, seduzido talvez pela vista d'um uniforme francez. O destino parecia attrahil-o irresistivelmente para o deposito dos animaes vadios.

De repente, no caes de Marne, os guardas avistam um ajuntamento consideravel reunido na margem do canal. A multidão agita-se, lançando croes, deitando cordas; uma mulher banhada em lagrimas, e que seguram, dá pungentes gritos: «Meu filho! Salva-o meu filho!»

Trata-se d'um rapazito de nove annos, o pequeno Arthur Zahlés, que tinha caído á agua andando a correr ao longo do caes. Um dos assistentes, Emilio Nolle, empregado n'uma carvoaria, é o unico que sabe nadar. Lança-se corajosamente á agua sem ter tempo de despir-se. Mas a criança, já crescida e forte para a sua idade, agarra-se a elle com a energia do desespero e inconscientemente paralisa-lhe os movimentos. O bravo salvador e o rapaz estão em perigo.

Repentinamente uma fôrma cinzenta, latindo, passa como uma flecha sob a vista dos circumstantes e vem cair na agua. E' o galgo que, obdecendo ao seu generoso instincto, cortou rente, com um golpe da sua aguda dentadura a corda que o prendia. Nadando como um peixe, agil e vigoroso, leva um poderoso auxilio ás pessoas em perigo e condul-as bem depressa para a margem do canal d'onde braços vigorosos as tiram n'um segundo e as depõem na margem. Os guardas, naturalmente, occupam-se primeiro a prestar os socorros á criança e a reconfortar o seu salvador. Depois, tendo-se dissipado toda a inquietação sobre o seu estado, pensam no cão. Mas em vão o procuram.

O bravo *Dimitri*, tendo, certamente, meditado durante o seu passeio preso na ponta da corda, tinha desaparelhado sem esperar pelas felicitações devidas á sua dedicação.

Meio de fazer seccar o calçado

Não ha martyrio maior do que ser forçado a calçar botas ou sapatos molhados da vespera. Não só encolhem mas esfriam os pés.

Eis um meio muito simples de remediar este inconveniente:

Na occasião de tirar o calçado deve encher-se de aveia secca. A aveia absorverá bem depressa a humidade. Tomar o banho (mófo) ao calçado e intumescendo sob a acção da humidade por elle recolhida, formarás como que uma verdadeira forma (de sapateiro) de maneira a conservar o tamanho do calçado sem permittir

que o cabedal endureça. No dia seguinte tira-se a aveia e secca-se pela acção do calor a fim de poder servir novamente.

Se o calçado não estiver ainda bem secco renova-se a operação.

Os lobos na Russia

UMA caravana d'exploração allemã que atravessava a alta Siberia, foi atacada por um grande numero de lobos, sendo dois homens devorados.

Os russos muito teem já trabalhado para reduzir-lhes o numero, mas augmentam sempre n'estes immensos ermos pouco explorados. E como poderia deixar de ser assim, gerando a loba annualmente 5 a 9 filhos e sendo, como é, uma mãe de incomparavel ternura?

Notemos que não ha menos segundo um calculo recente, de 175:000 lobos na Russia. Conta-se que devoram em cada anno 180:000 cabeças de gado grosso, 50:000 carneiros; 100:000 cães. Os seus estragos são avaliados em 15:000:000 de rublos, mais de 60:000:000 de francos, o que dá uma media de 80 rublos por lobo. Devoram annualmente 125 homens, em media; em 1875 aquelle numero havia sido 161, e em 1895, vinte annos depois, foi de 189!

Os *zemstvo* russos teem concedido importantes premios aos caçadores que lhes tragam (como signal de morte) caudas e orelhas de lobos, mas isto não impede que o animal se multiplique e se *banqueteie*, de tempos a tempos, nas caravanas que passam.

Cazos

N'um carro americano:

Um sujeito alto, empergado, com traje irrepreensivel, vem sentado n'um dos bancos; pelas alturas da Boa Vista, manda parar.

O cocheiro demora-se na operação de travar o carro, e este segue.

O sujeito levanta-se de sobresenho carregado e diz-lhe em voz imperiosa:

— Então esta carroça, pára ou não?

— Queira desculpar, volta-lhe o cocheiro, é por cauza do pezo dos *trastes*...

As nossas gravuras

Em maus lenções

É copia d'uma interessante gravura, a que sob este titulo, damos na primeira pagina.

Antonio de Padua Ferreira Muaze

NA secção *Caça* em artigo especial damos noticia d'este distincto caçador.

Tourada em Lourenço Marques

A photogravura que damos sob este titulo está pouco nitida, porque a photographia d'onde foi tirada era muito escura e cheia de sombra, e mesmo por motivo da machina não ser sufficiente rapida, o cliché ficou um pouco incerto.

Assim, algumas figuras quasi não se veem, como por exemplo o *neto*; e o peão que está descoberto, que é o nosso amigo sr. Manuel José d'Araujo Sousa, tem o braço esquerdo com que acenava lhe voltassem a rez para um *sesgo*, quasi invisivel.

No camarote da presidencia, (vulgo o camarote real), está o major Mousinho d'Albuquerque fardado com uniforme branco, tendo ao lado a esposa, e nos dois camarotes juntos os seus ajudantes de campo e mais dignatarios.

Chalupa de recreio «Orion»

ESSE bello barco de recreio que é um dos melhores que tem a flotilha da Real Associação Naval, pertenceu ao nosso amigo sr. Guilherme Arnaud com o nome de *Venus* e é actualmente propriedade do sr. Domingos Antonio d'Abreu que lhe poz o nome de *Orion*.

Tem a referida chalupa 64,5 pés de comprimento entre perpendiculares; 15,2 pés de bocca; T Y M 60 de tonelagem; foi construida por Fife & Sons, da Escocia, com excellente cavername todo cortado de carvalho e tendo a borda de *mahogany*, pregada e forrada de cobre.

Tem bellas accomodações: camara de senhoras á ré com retrete e banheira; seguem-se dois camarotes um de B B e outro de E B, em seguida o salão de 11 pés de comprimento por toda a largura do barco com 2 sophás, quatro aparadores, mesa de jantar e fogão de sala.

A vante do salão ha mais um camarote a E B e dispensa a B B, á proa cosinha e rancho para 8 tripulantes; e á ré tem o paiol de panno e cabos.

E' barco de muito boa marcha e com bellas condições para mar, fez muitas viagens de Inglaterra ao mediterraneo, e consta que fez uma viagem a Australia pelo cabo da Boa Esperança.

Condução de gado

E' interessante o espectáculo que nos apresenta no Campo uma condução de gado: os touros em linha, *arropados* pelos cabrestos, dirigidos pela choca-guia, e sob a vigilância dos campinos, formam um quadro lindo e muito digno de ver-se, e é tal como o mostra a photographia subordinada ao titulo acima.

ERRATAS

NO nosso ultimo numero de I do corrente, saiu uma noticia cheia de diabruras.

Na secção *nautica*, a noticia sobre as Ex.^{as} Sr.^{as} D. Aida e D. Octavia Perry Vidal pagina 6, 1.^a columna, onde se lê: *nasceu em Lisboa a 4 de maio de 1878, com uma educação etc.* deve lêr-se: *nasceu em Lisboa a 4 de maio de 1878. Com uma educação etc.*

Na segunda columna onde se lê: *1982*, deve lêr-se *1882*.

Na mesma columna, em dois periodos onde se lê: *sportsman*, deve lêr-se: *sportswoman*.

Esta ultima, a peor, e que mais grave se torna, sobre tudo aos que ignoram, como o diabo as arma, em questões de revisão, teve principio n'uma pessima calligraphia o final n'uma falta da revisão.

Que os nossos caros leitores nos releve estas faltas.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança das nossas assignaturas, relativas ao trimestre que começou no 1.º de outubro findo, tanto ás de Lisboa como ás da provincia.

Pedimos é esperamos que todos os nossos assignantes nos cuadjvem na nossa administração, dando-nos mais uma vez prova da muita deferencia que tem tido pela nossa modesta revista, evitando-nos difficuldades e despesas; a cobrança da provincia, sobretudo, hoje é onerosa, muito mais quando os documentos de cobrança teem que voltar mais d'uma vez pelo correio.

Confiados que o nosso pedido será attendido, muito penhorados agradecemos a todos os nossos estimaveis assignantes.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica